

Corpo, sentidos e sofrimento no *Horologium Fidei* de André do Prado

Frei André do Prado pertenceu à custódia franciscana de Évora onde nasceu no último quartel do século XIV. Após ter ingressado na Ordem dos Frades Menores e frequentado as aulas nos Conventos de S. Francisco de Évora e de Lisboa estudou filosofia e teologia nas Universidades de Paris e de Bolonha. Cerca de 1450 redigiu a obra *Horologium Fidei*¹ em latim, constituída por um diálogo entre o autor e o Infante D. Henrique sobre o *Símbolo dos Apóstolos*.

A concepção do homem como microcosmos ganha importância e significado na antropologia de André do Prado como se confirma com estes excerto:

Mestre: Dizemos que o corpo é composto de quatro elementos.

D. Henrique: Mostra como é isso.

Mestre: A água está contida nos humores. O ar no pulmão e por isso está sempre em acção, porque é o ventilador do coração, para o coração não se consumir com demasiado calor e se dissolver. A sede do fogo está no coração; por isso o mais baixo é largo e o superior o agudo, porque retém a forma do fogo. Uma força de calor temperada pelo ar sobe do coração até ao cérebro pelo pequeno compartimento do nosso corpo. Aí purificada também a cólera sai pelos ouvidos, olhos e outros órgãos dos sentidos e recebendo a forma pelo contacto exterior dá origem aos cinco sentidos: a vista, o ouvido, o olfacto, o gosto, o tacto. Este sentido do tacto passando da parte interior do cérebro para a posterior, descendo daí pela cerviz e medula espinal difunde-se por todo o corpo².

¹ André do Prado, *Horologium Fidei, Diálogo com o Infante D. Henrique, edição do ms. Vat. Lat. 1068*, introdução e notas por A. A. NASCIMENTO, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa 1994.

² André do Prado, ed. cit., p. 112: «Magister: Ex quatuor elementis dicimus corpus constitui. D. Henr.: Quomodo constat ostente.

Anotamos a não referência explícita ao quarto elemento terra. Julgamos, no entanto, que tal referência se encontra implícita no termo cólera, tomado da doutrina dos elementos, das qualidades e dos humores de Hipócrates e Galeno. Aí, a cólera ou bÍlis negra estava associada ao elemento terra.

A dimensão da relação homem-mundo não é apenas um dado de facto, puramente constatável; é sobretudo algo de constitutivo e de estrutural no homem, faz parte da sua estrutura corpórea-espíritual. Pela sua corporeidade o homem faz parte do mundo. A condição corporal constitui e revela a estrutura *mundana* do homem. Pela sua dimensão corpórea, concentra em si o mundo material, como que o sintetiza e recapitula. A condição corporal torna o homem imanente ao mundo, torna-o parte do universo; o homem encontra-se vinculado a este, *vinculum mundi*, e dele depende constitutivamente.

A concepção do homem como microcosmos, significa que o mundo existe no próprio homem através da corporeidade e este homem adquire uma dimensão cósmica.

O mundo não é apenas algo de contraposto ao homem; mais do que isso, é uma componente intrínseca da existência humana, um modo concreto e próprio do seu ser e existir. O homem existe como ser-no-mundo; mas o homem encontra-se vinculado ao mundo não só pelo seu ser como também pelo seu agir e pelo seu trabalho³.

O excerto do *Horologium Fidei* atrás citado, caracteriza a abertura pela qual quer o nosso organismo, quer a nossa mente se dirigem para uma exterioridade que rompe o fecho sobre si próprios. Os sentidos do corpo estão abertos sobre o *sensível*, isto é, sobre esta particularidade que os objectos materiais e individuais têm de entrar em relação connosco, o que nos permite interiorizá-los. Quanto ao sentido inteligível, ele não caracteriza uma capacidade mas especifica o conteúdo

Magister: Aqua in humoribus continetur. Aer in pulmone idcirco semper in motu est, quia uentilabrum est cordis, ne nimio calore cor consumatur et dissoluatur. Sedes ignis est in corde. Ideo inferius est latum, superius accutum quoniam formam ignis retinet. Quedam uis ignea aere temperata a corde ad cerebrum ascendit tanquam per cellam corporis nostri. Ibi purificata et colera per aures et nares et oculos et ceteraque instrumenta sensuum foris progreditur et contactu exteriori formata quinque corporis sensus facit uisum, auditum, odoratum, gustum, tactum. Qui tangendi sensus ab interiori parte cerebri ad posteriora transiens, inde per ceruicem et medullam spine, descendens per totum corpus diffunditur. Que omnia ista deo repugnant, cum potius dicantur imperfectionem. Quibus inspectis, deus nullo modo potest aut dici debet corporeus».

³ Cf. o significado do trabalho no Paraíso de acordo com Nicolau de Lira e exposto por André do Prado.

das produções do intelecto, abrindo-o aos outros conteúdos inteligíveis, de tal modo que surja a possibilidade da sua interiorização *reflexiva* pelo intelecto. É em virtude desta abertura e interiorização que tomamos a iniciativa de relacionar os conteúdos de sentido uns com os outros. Em resumo, os sentidos do corpo, como capacidade sensitiva e os conteúdos de sentido do intelecto apresentam em comum uma forma de abertura e de interiorização na qual podemos discernir o elo de ligação entre eles a nível gnoseológico.

S. Boaventura no *Itinerarium mentis in Deum* tinha estabelecido também a relação entre a concepção do homem como *microcosmos* e os cinco sentidos:

Ora o homem, que é um microcosmos, tem cinco sentidos. São estes como cinco portas, pelas quais entra na sua alma o conhecimento de todas as coisas existentes no mundo sensorial. Com efeito, pela vista entram os corpos sidéreos e luminosos, e os restantes corpos coloridos; pelo tacto, os corpos sólidos e terrestres; pelos três sentidos intermédios entram os corpos intermédios: os aquosos pelo gosto; os aéreos pelo ouvido; os vaporosos, pelo olfacto. Estes possuem alguma coisa do elemento húmido, alguma coisa do aéreo, e alguma coisa do ígneo ou quente, como se verifica no fumo proveniente de corpos aromáticos⁴.

Pelo corpo somos um fragmento da natureza, somos uma parcela do todo. Para uma visão que vê na natureza a presença do Criador, o corpo é a metáfora da presença divina no homem e a sua dignidade é de certa forma englobante, enquanto presença nele da criação do mundo criado.

Sabemos que a tendência geral da renovação religiosa franciscana era acentuar as qualidades humanas de Cristo, de Nossa Senhora, dos santos e retratá-los como seres capazes de ternura e emoção, dor e sofrimento. Esta característica nova sugere os aspectos espiritual e psicológico do encontro do divino e do humano no centro da visão que S. Francisco tinha do mundo. Na qualidade de franciscano e assentando a sua fé no mistério da Encarnação, André do Prado defendeu no Capítulo IV sob o título *Padeceu sob Pôncio Pilatos* que Cristo «tinha uma humanidade verdadeira capaz de sofrer»⁵. Combateu todo os erros

⁴ S. Boaventura, *Itinerário da mente para Deus*, intr. trad. e notas de António Soares PINHEIRO, Braga 1986, pp. 86-88: «Homo igitur, qui dicitur minor mundus, habet quinque sensus quasi quinque portas, per quas intrat cognitio omnium, quae sunt in mundo sensibili in animam ipsius. Nam per visum intrans corpora sublimia et luminosa et cetera colorata, per tactum vero corpora solida et terrestria, per tres vero sensus intermedios intrans intermedia, ut per gustum aquea, per auditum aerea, per odoratum vaporabilia, quae aliquid habent de natura humida, aliquid de aerea, aliquid de ignea seu calida, sicut patet in fumo ex aromatibus resoluta».

⁵ André do Prado, ed. cit., p. 280: «Ostenditur ueram humanitatem et passibilem habuisse».

daqueles que afirmavam que Cristo nada sofrera dada a sua condição divina e relacionou o sofrimento com os sentidos explicando a Glosa que diz:

Todo o género de sofrimentos e em todos os sentidos. Efectivamente, tal como os primeiros pais pecaram, pois pelo ouvido entrou a palavra da persuasão, e pela vista a concupiscência do olhar, pelo tacto, ao tocarem, pelo gosto, ao comerem contra o que estava mandado, ficou consumado o pecado, assim Cristo, em actuação contrária, ouviu blasfémias dos judeus e teve o rosto tapado, manteve as mãos e os pés amarrados à cruz, viu estenderem-lhe vinagre numa esponja e provou-o antes de dizer “tudo está consumado”⁶.

André do Prado classificou a morte de Cristo de atroz, porque suportou «a paixão, a propaixão e a compaixão: a paixão no corpo, a propaixão na mente e a compaixão no coração»⁷. O modo como associou e descreveu o comportamento da natureza face à morte de Cristo revela a aceitação da natureza como manifestação de Deus e o sentido de uma relação de compaixão de toda a criação, ou melhor, na linguagem franciscana, o sentido de fraternidade:

Também fica claro porque se manifestou a compaixão extrema das criaturas irracionais e inanimadas, como são o sol, a terra as pedras que não podendo perder as propriedades que lhe são naturais (pois perderiam o ser) puseram de lado aquelas que estão imediatamente acima especificadas. Daí que para se compadecerem com o seu criador, a terra que é sumamente imóvel tremeu, pois deu-se um terramoto;o sol que é extremamente luminoso, deixou de dar claridade e revestiu-se de escuridão tal como nas exéquias dos defuntos em que costumam vestir-se roupas negras e pôr de parte as brancas, as pedras que são de solidez máxima, partiram-se e assim as propriedades próprias e quase que essenciais converteram-se nas opostas, o que é sinal de amargura e máxima ofensa de todos ao criador⁸.

⁶ André do Prado, ed. cit., p. 297: *Glosa*: Omnia genera passionum et in omnibus sensibus. Sicut enim primi parentes deliquerunt quoniam per auditum intrauit uerbum persuasionis, uisu et uidentes con cupiscentes, tactu tangentes, gustu comedentes contra perceptum et ibi consumatum est peccatum, sic Chistus per contrarium audiuit blasphemias iudeorum et habuit uultum uellatum, manus et pedes tenuit affixas cruci, porrectum est ei acetum in spongia et cum gustasset dixit consummatum est».

⁷ André do Prado, ed. cit., p. 292: «Sustinuit passionem, propassionem, compassionem; passionem in corpore, propassionem in mente, compassionem in corde».

⁸ André do Prado, ed. cit., p. 294: «Eciam patet si ultimata clemencia in creaturis irracionabilibus et inanimatis, cuius sunt sol, terra, lapides, que cum non possent tollere suas proprietates eis conaturales (sic enim deficerent esse) amouerunt suas que immediate supra specificatas. Unde ut compaterentur suo creatori terra que est summe immobilis mota est, quia terre motus factus est, sol qui est summe lucidus occultauit suam claritatem et induit obscuritatem sicut in obsequiis mortuorum solent assummi uestes nigre et mutari candide (...); petre que sunt summe soliditatis diuise sunt. Et sic proprias et quasi essenciales uirtutes in oppositas mutauerunt, quod est signum acerbitatis et iniurie maxime omnium creatori».

O nosso autor enalteceu a extrema condescendência *ultima clemencia*⁹ da natureza e reprovou a crueldade extrema *ultima seuicia*¹⁰ dos judeus. As afirmações utilizadas emprestam um tom de polémica contra os judeus e indiciam algumas afinidades da obra com a literatura *adversus judaeos* da época, mesmo não estando escrita em língua vernácula¹¹ :

Os judeus não ficam livres de serem homicidas. Fica claro, porque a crueldade tenha sido levada ao extremo pelos judeus, pois tanto se extremaram que dilaceraram um corpo morto; daí que a hiena é considerada o animal mais cruel porque não poupa um corpo morto, mas o desenterra, com maior razão também os judeus¹².

A descrição pormenorizada do sofrimento e da morte de Cristo remete-nos para o espírito da *Devotio Moderna* com ênfase na devoção, no apelo à interioridade e ao fervor, mais do que ao dogma.

A devotio moderna é segundo Francis Rapp «socrática, utiliza a introspecção. Ela recorre à direcção de consciência. Mas sobretudo ela é *imitatio Christi*. Ela está próxima do Cristo da dor; ela vive a pietá. O seu Cristo é homem; Ela tem necessidade do Cristo torturado para ultrapassar o santo terror que lhe inspira a transcendente grandeza de Deus»¹³.

Nos princípios do século XV, Cristo era representado como homem que sofre, mais do que como rei triunfante, ou como Mestre. A morte em toda a sua realidade brutal inundou subitamente a literatura e artes cristãs dando-lhes um ênfase escatológica, ao mesmo tempo que se elaborava o que apropriadamente poderíamos chamar de uma «teologia do sofrimento» nas suas diversas expressões.

Alguns historiadores inclinam-se a pensar que os flagelos que se abateram sobre a Europa no século XIV toldaram a sua psicologia colectiva e fizeram nascer

⁹ André do Prado, ed. cit., p. 292.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ Cf. H. SANTIAGO-OTERO – K. REINHARDT, «Escritos de polémica antijudia en lengua vernácula», in *Mediaevalia, Textos e estudos*, 2 (1992) 185-195. Cf. J. M. C. PONTES, *Estudo para uma Edição Crítica da Corte Imperial*, Coimbra 1957, pp. 35-76. Cf. M. L. S. SIRGADO GANHO, «Une oeuvre de théologie *adversus judaeos* d'un auteur portugais anonyme du milieu du XIV siècle», *Mediaevalia, Textos e estudos*, 5-6 (1994) 99-108.

¹² André do Prado, ed. cit., p. 295: *Non excusantur quin fuerint homicide. Patet si ultimata in iudeis seuicia qui in tantum eum extenderunt ut mortuum corpus lacerarent; undes si hyena crudelissimum animal dicitur quod mortuo corpori non parcit sed exhumat multo forcius eciam iudei.*

¹³ F. RAPP, *L'église et la vie religieuse en occident a la fin du moyen age*, Paris 1971, p. 147.

uma angústia de que o culto da paixão foi uma das manifestações. Esta explicação não é por si só suficiente. A contemplação de Jesus crucificado não tinha por única origem a complacência mórbida no espectáculo da dor.

Vejamos a este propósito o que André do Prado escreveu e que podemos designar por fisiologia da dor, ou talvez melhor, psicofisiologia do sofrimento:

Efectivamente o sentido do tacto difunde-se inteiramente por todo o corpo à flor da pele, na carne através do corpo, porque o espírito atravessa as articulações dos membros e tem origem no coração ou no cérebro onde está a fonte da sensibilidade. Portanto a separação de um intelecto nobilíssimo de um coração nobilíssimo foi a causa específica e primordial de uma paixão atrocíssima, e assim é tanto mais agudo o sofrimento quanto mais nobre é o corpo e mais nobre é o espírito e mais nobre o tacto; o sofrimento discrimina-se mediante o tacto pois que é o sentido mais preciso das coisas que têm a ver com o estado do coração. Estando a meio entre a carne e a mente, daí é-lhe perceptível quando a sua boa qualidade coincide com a boa qualidade da compleição e a boa qualidade da mente. O tacto é mais vivo nos nervos, nos sentidos e nas articulações: os nervos estão sobretudo nas fontes dos membros, onde as próprias articulações são mais sólidas; por isso, uma vez que neles padeceu Cristo, como está nos Salmos «trespassaram as minhas mãos e os meus pés», torna-se evidente a agrura extrema por parte da compleição¹⁴.

Segundo os mestres espirituais muito apreciados nos finais da Idade Média - S. Bernardo e S. Boaventura - o sacrificio de Cristo não era somente a reparação da falta cometida por Adão. Devia dar igualmente aos homens uma lição de generosidade e de abnegação e esperava que a criatura respondesse pelo reconhecimento.

Não havia verdadeiro cristianismo, senão na adesão a este ensinamento e os verdadeiros fiéis esforçavam-se por amar a Deus tal como foram amados. Ora a emoção aparece-lhes como a manifestação privilegiada do amor. A compaixão era verdadeiramente o critério da piedade.

¹⁴ André do Prado, ed. cit., p. 294: «Est enim sensus tactus ubique diffusus per totum corpus in cute, in carne mediante corpore, quia est spiritus discurrens per compages membrorum ortum habens a corde uel cerebro ubi est origo sensuum: Ergo separatio nobilissimi intellectus a nobilissimo corde causa fuit acerbissime passionis et propria et precipua, et sic sit dolor accucior quantum corpus nobilius et spiritus nobilior et tactus nobilior; qui dolor mediante tactu discernitur eo quod est sensus discrecior eorum que pertinent ad temperamentum cordis. Medius inter carnem et mentem, unde attestatur ei cum(eius) bonitas (inest) bonitati complexionis et bonitati mentis: Istem autem tactus maxime uiget in neruis, sensibus et iuncturis. nerui autem maxime in fontibus membrorum, ubi compages ipse solidantur; ideo cum ibi hiis passus fuerit Christus ut in psalmis (21, 17) foderunt manus meas et pedes meos, etc, patet acerbitas maxima ex parte complexionis».

S. Bernardo marca fortemente a necessidade de todo o homem se reconhecer como criatura, isto é, ser relativo e não absoluto e foi citado por André do Prado precisamente acerca da Encarnação:

Em que é que mais se revela a sua benignidade do que assumindo a nossa carne? Que mais manifesta a sua misericórdia do que a sua misericórdia ter assumido essa miséria? Que há tão mais comovedor do que o Verbo de Deus que por nós se fez produto da terra e assim se fixou e se uniu em máximo grau, portanto sem qualquer meio?¹⁵

Nos séculos XIV e XV os clérigos associavam a cada ofício canónico a memória de uma etapa da paixão e este costume estendeu-se aos leigos através dos *Orologes*, pequenos livros em língua vulgar¹⁶. Nesta época, ocupava o primeiro lugar na hierarquização das festas do ano litúrgico a devoção da Sexta Feira Santa, seguindo-se a festa da Páscoa¹⁷.

O homem descobre-se imagem de Deus na constatação dolorosa da sua condição, mista de grandeza e de miséria e na infinitude do seu desejo, a necessidade ontológica dum fundamentação eterna.

A presença da morte na existência manifesta-se no fenómeno do sofrimento, no processo da dissolução do corpo, enquanto expressão da dimensão intra-mundana do homem, e no temor perante a ameaça do aniquilamento da pessoa humana. Surge sobretudo como força destruidora e desagregadora que exerce violência e rotura na existência do homem, inconciliável com as aspirações do seu coração.

Na visão clássica da morte, como pura separação da alma do corpo, se define a morte de Cristo «que tenha morrido de verdade está patente no facto de ter havido separação da alma do corpo»¹⁸.

Não é só o corpo mas o homem todo que sofre a morte: «em síntese a paixão de Cristo era mais dolorosa na separação da alma e do corpo do que a dor da alma se ela fosse reduzida aos seus princípios¹⁹». É também neste contexto que a união

¹⁵ André do Prado, ed. cit., p. 300: «In quo magis, commendare poterat benignitatem suam quam suscipiendo carnem nostram. Quod tantopere declaret eius misericordiam quam quod misericordia suscepit miseriam. Quid ita pietate plenum quam quod dei uerbum propter nos factum est fenum».

¹⁶ Cf. F. RAPP, ed. cit., p. 14

¹⁷ Cf. P. CHAUNU, *Le temps des Reformes*, Bruxelas 1984, p. 205.

¹⁸ André do Prado, ed. cit., p. 280: «Quod vera mortuus fuerit patet quoniam fuit ibi dissolutio anime a corpore».

¹⁹ André do Prado, ed. cit., p. 298: «Nota breuiter quod acerbius erat passio in separacione anime a corpore quam dolor anime si resolveretur in sua principia».

corpo alma é longamente desenvolvida pelo nosso autor utilizando a definição de Remígio de Auxerre «a alma é a substância incorpórea que rege o corpo»²⁰ e a alma «une-se ao corpo como forma»²¹.

Tal como Cristo o homem sente o tormento, a angústia da dor, o horror e a repulsa perante a ameaça dum aniquilamento total e definitivo da sua pessoa.

Da descrição psicológica do homem perante o sofrimento e a morte, André do Prado aponta a esperança do crente na ressurreição, que constitui tema do capítulo VII sob o título: «Daí há-de vir julgar os vivos e os mortos».

André do Prado não aceitou o desprezo do corpo como tal. Como o haveria de aceitar se mesmo na atrocidade da paixão exalta a perfeição do corpo de Cristo? «Então o corpo de Cristo era extremamente perfeito como é opinião comum: «seis lustros completos, tempo do corpo no auge»²².

O homem inserido no mundo, interligando a vida activa e contemplativa colhe na mensagem de André do Prado sobre a ressurreição o sentido pleno da união corpo-alma marcado pelo optimismo existencial:

Tal como a matéria foi feita em razão da forma, assim a forma por causa do composto, e portanto dado que a alma racional é a forma do corpo se ela é perpétua, importa que não fique eternamente privada do composto em razão do qual foi feita. Receando este raciocínio o infiel Averróis admitiu que havia uma única alma para todos e que a alma não era a forma do corpo²³.

Efectivamente uma vez que a alma sem o corpo não é o homem também a retribuição à alma sem o corpo não é remuneração; além disso, uma vez que o homem serve a Deus com obras corporais e espirituais e Deus não é menos liberal em remunerar que o homem em servir, este deve ser remunerado de um modo e de outro, no corpo e na alma²⁴.

Citação de S. Gregório de Nazianzo:

Por isso uma das causas da união corpo alma é o bem da alma outra o bem do corpo. Uma

²⁰ André do Prado, ed. cit., p. 176: «Anima est substantia incorporea regens corpus».

²¹ André do Prado, ed. cit., p. 296: «Anima unitur corpori ut forma».

²² André do Prado, ed. cit., p. 296: «Tunc enim corpus Christi simplex fuit perfectum, prout dicitur: lustris sex quid(dem) iam peractis, tempus implens corporis».

²³ André do Prado, ed. cit., p. 384: «Sicut enim materia propter formam, ita forma propter compositum et ideo cum anima rationalis sit hominis forma si est perpetua, oportet quod perpetuo non priuetur composito, propter quod est facta. Istam autem rationem timens infidelis Auerrois posuit unam animam esse omnium, nec animam esse corporis formam».

²⁴ André do Prado, ed. cit., p. 392: «Cum enim anima sine corpore homo non sit nec remuneratio anime sine corpore est remuneratio; preterea cum homo seruiert deo corporalibus operibus et spiritualibus et non minus deus sit liberalis remunerando quam homo seruiendo, utroque modo in corpore et in anima debet remunerari».

e outra requer que o corpo ressuscite. Da primeira a razão é evidente. Com efeito, é justo que a carne que foi companheira no combate seja também companheira na glória. Da segunda a evidência é igual²⁵.

Em conclusão, o que André do Prado nos transmitiu sobre a união corpo-alma acentuou claramente a união, no entendimento do que é um composto unitário. A sua antropologia compreende o ser humano ao mesmo tempo corpo e alma, presença do cosmos e presença de Deus, microcosmos e à imagem de Deus.

²⁵ André do Prado, ed. cit., p. 394: «Unde una causa unionis eius est bonum anime, alia bonum corporis. Utraque autem causa requirit ut corpus resurgat. De prima patet. Iustum est enim ut caro que fuit socia in certamine sit eciam socia in gloria. De 2^a idem manifestum est, etc.».

